

Clientes estão desorientados

Da Redação

Com Agência Estado

Analistas financeiros não têm dúvidas: o Banco Central e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) decidiram antecipar de setembro para o final de maio a mudança na contabilização do valor dos títulos em carteira dos fundos para evitar perdas maiores para os investidores (*leia quadro na página 15*). Especialistas dizem que a mudança em setembro provocaria perdas ainda maiores para os investidores, o que poderia manchar a imagem do governo às vésperas das eleições. O diretor de produtos de investimentos do Bank Boston, Maurício D'Amico, disse ontem que os clientes estão desorientados e com medo de perder ainda mais. Segundo ele, alguns chegam a perguntar porquê não foram avisados antes que as mudanças ocorreriam.

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, admitiu ontem que deveria ter feito a mudança ainda antes de maio. "Se eu voltasse atrás, e pudesse ter feito diferente, teria feito o ajuste da marcação a mercado antes", afirmou Fraga. "Quando tomamos a decisão de fazer a marcação a mercado de forma gradual, dando um período de adaptação, nos pareceu que fazia sentido. Depois, quando vimos que a reação dos fundos foi muito heterogênea, verificamos que poderia ser injusto com pequenos cotistas. Então decidimos antecipar."

Na verdade, a regra de marcar os títulos a mercado existia desde 1995, mas muitos bancos deixaram para fazer o ajuste nos últimos meses do prazo de adaptação e foram surpreendidos pela decisão do Banco Central na quarta-feira passada. Com isso, quem tinha investimentos em fundos de bancos que se anteciparam à decisão não teve perdas, porque os prejuízos foram diluídos ao longo do período de ajuste. Quem tinha aplicações em bancos que adiaram o ajuste teve perdas significativas.

AJUSTE DIFÍCIL

A maioria dos bancos que adotou a marcação a mercado antes do prazo estão os grupos estrangeiros, como Citibank, Bank Boston, HSBC, Bank of America e J.P.Morgan. As grandes instituições de varejo, como Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal optaram por fazer o ajuste mais lentamente. Os fundos desses bancos amargam perdas expressivas. Segundo o diretor da Consultoria Money Maker, Fábio Colombo, uma das razões que explicam a continuidade das perdas em alguns fundos na segunda e terça-feira é o nervosismo do mercado, além de os administradores terem papéis de longo prazo em suas carteiras.

Na segunda-feira, dos 466 fundos DI que divulgaram o resultado, 38 continuaram apresentando rentabilidade negativa. Entre os 565 de renda fixa, 83 tiveram perdas. Ele explicou que, com o mercado mais turbulento, o risco dos papéis aumenta e eleva o valor do prêmio exigido pelo mercado. Ou seja, quem quer se desfazer dos papéis tem de vender por um valor menor do que comprou, provocando prejuízos aos cotistas. "O problema é que a mudança ocorreu num momento mais agitado por causa das eleições presidenciais."

A tendência, conforme Colombo, é de que os bancos lancem produtos diferenciados: um apenas com papéis de curto prazo, mais conservador, e outro com títulos de longo prazo, com risco maior para oferecer uma rentabilidade melhor. Algumas instituições já confirmaram que podem lançar esta semana novos produtos, só estão aguardando autorização da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).